

“Votou, chorou, gozou: o que importa, neguinho?”

Caetano Veloso

“Mas assum preto, cego dos óio  
Num vendo a luz, ai, canta de dor (bis)  
Tarvez por ignorança  
Ou mardade das pió  
Furaro os óio do assum preto  
Pra ele assim, ai, cantá de mió”

Luiz Gonzaga

Ontem foi 05 de outubro de 2014.

Atravessei a cidade para votar e próximo ao local, também tive que atravessar um pequeno tiroteio que acontecia não sei onde mas que fez com que as pessoas corressem pelas ruas sujas e lotadas de papel banguela santinho.

O resultado veio logo, no meio da noite nada veloz. Nada se ganha. Nada se perde.

Na próxima justifico o fato de não ser daqui e não ter nada.

Justifico o fato de ser pura passagem.

Justifico não acreditar em política quentinha.

Justifico não acreditar.

Tudo parece igual por aqui.

A mesma ênfase pública sobre o candidato A e o candidato B.

O mesmo cheiro de enxofre.

A mesma urna de caráter inquestionável.

O mesmo imposto de renda que pago (quando dá) e que escoo por algum sumidouro.

A mesma foto.

O mesmo arrastão.

O mesmo grupo que “zoa” a travesti na zona eleitoral.

A mesma morte.

Quem vai querer comprar a lama?

O mesmo acidente.

O mesmo sumiço.

O mesmo Amarildo.

A mesma novela.

Quem vai querer comprar banana?

A mesma escopeta em perspectiva.

Atravesso a cidade.

Trabalho.

A casa desarrumada.

Reclamo ranzinzo.

Trabalho.

Produzo.

Pontuo no Lattes.

Academicizo.

Talvez tenha desistido de ser cantor.

Busco financiamento.

Sempre aflito.

Luto para encontrar a verba tal para pagar a revisora.

Nem mais um drink.

Discuto tentando provar alguma validade acadêmica.

Nem mais uma revolta.

Sorrio. Cruzo as pernas.

Nem mais um funk.

Nem mais um herói.

Nem mais um manifesto.

Tudo blasé. Tudo fantasia. Tudo brocha.

Sorrio lindo e você quase não percebe.

Você não tem tempo para o sinal, nem para o sol, nem para a rachadura, nem para a anáfora, nem para o dedo mindinho fora da gaiola. Preciso escrever à altura.

Quebra. Corte seco.

Mudança de paisagem. As pessoas se acomodam no espaço vagarosamente. Algum burburinho. Voyeur e exibicionista se confundem. Alguém apresenta o palestrante. Ele sorri desconcertado. Agradece o convite. Pigarreia. Os dedos procuram o cigarro que não cabe. Pensa em ler o texto. Acha tedioso. Olha o entorno. Nenhum cenário. Parece só Saara. Como cometa se pergunta o que estaria fazendo ali. Resolve resolver esquecendo. Testa o microfone. Tum. Tum. Tum. Fala. O Outro.

Liga o gravador (que está no bolso) e coloca perto do microfone. Alguma microfonia surge. Aperta o play.

MALDITOS!